

RESENHA

MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. **Tinha um editor no meio do caminho**: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. 1. ed. Divinópolis (MG): Artigo A, 2018. 132 p.

O papel do editor: a pedra e a ponte no processo editorial

Role of an editor: the stone and the bridge in the editorial process

Jéssica Camila Soares¹

O professor doutor José de Souza Muniz Júnior apresenta o terceiro livro de uma coleção organizada por Ana Elisa Ribeiro e Joubert Amaral, dedicada aos estudos dos processos editoriais e dos atores que compõem esses processos. Dessa forma, foi lançado, em 2018, o livro **Tinha um editor no meio do caminho**, integrante da coleção composta por **Quem mexeu no meu texto**, que já havia publicado, em 2017, de autoria de Luciana Salazar Salgado, e **Em busca do texto perfeito**, em 2016, de autoria de Ana Elisa Ribeiro.

O livro é composto por cinco textos publicados anteriormente em congressos, jornadas e seminários das áreas de estudo do autor, e que careciam de uma nova circulação. Salgado é quem escreve o prefácio, no qual delimita o processo de criação do livro de Muniz Júnior, apresentando a proposta do autor de abordar aspectos micro nos capítulos iniciais e, após elucidar os contextos editoriais e os profissionais que neles trabalham, partir para os aspectos macro dessas produções, com análises de textos que abordam essas temáticas.

Assim, os cinco capítulos apresentados são: *Introdução; Os desafios da palavra compartilhada; O revisor na labuta: linguagem e/é trabalho; Da edição-metáfora à edição objeto; “São editores”*: um retrato de grupo. Como bem salienta Salgado, no livro de Muniz Júnior, o autor não visa à explicitação de produtos editoriais, mas os pressupõe para falar dos processos de produção de um livro. Dessa forma, o foco é mostrar ao leitor o texto para além do gênero,

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. E-mail: jessicasoarestextos@gmail.com.

delimitando, assim, seu contexto de produção e seu funcionamento discursivo, bem como os atores sociais envolvidos.

Na *Introdução*, a partir de uma abordagem antropológica, o autor traz o conceito de “sobras” ou “resíduos”, aplicando-o ao contexto editorial. Segundo ele, sempre há dúvidas sobre a salvaguarda das provas revisadas, dos arquivos que circulam durante o processo de desenvolvimento de originais e demais documentos. Para o autor, muitos acreditam que o livro, em seu processo de criação, possui apenas a origem e o destino, não considerando os outros profissionais que estão nesse processo. De acordo com Muniz Júnior (2018), há um desinteresse pelo trabalho dos atores da edição, com isso, desconhece-se sua realidade: “editores, revisores e preparadores estão invisíveis não por mandato, destino ou natureza, mas porque estão submetidos a processos de invisibilização.” (MUNIZ JÚNIOR, 2018, p. 13).

Não se trata, pois, de olhar para as etapas de criação como se elas pudessem revelar detalhes da obra, mas sim analisar tais processos “regulados *por* e reguladores *de* um universo específico de práticas profissionais” (2018, p. 16, grifos do autor). Assim, ao ler o texto, dúvidas podem pairar na cabeça do leitor, dúvidas essas induzidas de forma instigante pelo texto de Muniz Júnior: o editor seria ponte ou pedra no meio do caminho dos autores? Seria possível analisar o editor como o criador do criador? O que há, então, na estrada que separa e une o publicável do que de fato é publicado? Retomando o conceito que abre o capítulo, as sobras que compõem essa estrada editorial seriam interessantes para análise?

Em *Os desafios da palavra compartilhada*, primeiramente, o autor traz a teoria para, em seguida, demonstrá-la em um caso verídico. Ele abre o texto com a seguinte afirmativa “Há muitas maneiras de dizer algo”, a fim de provocar o leitor à reflexão dos modos subjetivos de dizer alguma coisa, desde escolhas de palavras a jeitos de enunciar. Há, então, pequenas decisões que envolvem a textualização, indo além dos aspectos gramaticais. Levando essa noção para o contexto editorial, é possível entender que o texto original do autor não é apenas um produto, um resultado de uma comunicação. Ao iniciar o processo editorial, o texto pode ser visto com um processo, um objeto de interação entre sujeitos socialmente constituídos. Por ser um objeto de interação, o princípio de alteridade se constitui: ora sou enunciatário e recebo o texto e as sugestões para escrita; ora sou o enunciador, ao dialogar com o texto.

Dessa forma, é possível afirmar que não há como conceber um texto sem analisar as questões sociais, históricas e culturais de sua produção. A partir do diálogo editor/preparador/revisor e autor, há uma corresponsabilidade na criação de um produto editorial. Cabe ressaltar aqui que, segundo o autor, existe um “caos terminológico” relacionado à

complexidade de nomear os atores editoriais, bem como suas funções, que, muitas vezes, se cruzam.

Após elucidar isso, Muniz Júnior (2018) apresenta o Caso 1, intitulado *Quem mexeu na minha norma?*, em que é possível enxergar o trabalho conjunto entre uma editora e a autora com um objetivo afim: publicar um material didático que atendessem ao mercado e, principalmente, às exigências do governo. No entanto, no caminho, houve momentos de conflito e a editora foi, ao mesmo tempo, ponte e pedra. Ponte por ter auxiliado a autora a concluir o trabalho; pedra porque, como ela se envolveu bastante na criação desse produto, houve uma disputa de voz, por parte da autora, durante a criação. No fim, o livro foi publicado e o trabalho conjunto fez com que o resultado fosse um livro didático recomendado. Esse caso trazido por Muniz Júnior foi interessante para analisar os limites de intervenção durante o trabalho do editor e a aceitação de sugestões de melhoria por parte do autor.

No terceiro capítulo, *O revisor na labuta: linguagem e/é trabalho*, é apresentado, primeiramente, o contexto de trabalho do revisor de texto a partir de uma perspectiva ergológica, em que esse profissional é contratado para cumprir determinadas funções em um ambiente laboral com normas preestabelecidas. Em seguida, é apresentada a linguagem a partir de uma perspectiva discursiva. Aqui, esse revisor é visto como um sujeito que se constitui *na e pela* linguagem. Nesse contexto, a língua é uma atividade social, o texto tem uma possibilidade de sentidos e textualizar é a construção de sentido por parte do revisor, que é, antes de tudo, um leitor. Assim, a partir da situação comunicativa, o sujeito-revisor toma as decisões lexicais e semânticas, visando ao entendimento do público-alvo. Há, então, um conjunto de ações gramático-textuais (tendo em vista as normas) e discursivas (escolhas subjetivas).

Para exemplificar a teoria abordada, de forma didática, o autor, no fim do capítulo, apresenta *O caso de Léa e Lia*, trazendo a situação de uma revisora que, ao se confrontar com as regras do Acordo Ortográfico de 2009, de forma intuitiva e subjetiva, altera o nome de uma personagem em um material didático. Como essa alteração foi equivocada, ela se viu confrontada com relação a regras gramaticais e à escolha lexical, e sua justificativa foi a interpretação do aluno que viria a usar o material.

Já no quarto capítulo, *Da edição-metáfora à edição objeto*, dando início à abordagem macro das questões editoriais, Muniz Júnior (2018) apresenta o livro **Art worlds**², de autoria do sociólogo Howard S. Becker, a fim de fazer uma aproximação entre o estudo da produção simbólica e o estudo da produção editorial. Para Becker, o editor é uma figura arquetípica que simboliza um

² BECKER, Howard S. **Los mundos del arte**: sociología del trabajo artístico. Tradução de Joaquín Ibarburu. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes. 2008.

conjunto de decisões pelas quais uma obra passa antes de ser finalizada. Esse conjunto de decisões estaria relacionado aos profissionais que fazem parte dos mais diversos campos de produção – copidesque, revisão, diagramação, mixagem, entre outros. Assim, o autor define que suas pesquisas estão mais voltadas a uma sociologia das ocupações ligadas ao trabalho artístico, englobando, dessa forma, não apenas os autores, mas todos aqueles que fazem com que a obra chegue ao público.

Para enriquecer a discussão, há uma contraposição da teoria de mundo de Becker e da teoria de campo de Pierre Bourdieu. Segundo Muniz Júnior (2018, p.85-86), “tanto ‘mundo’ como ‘campo’ designam espaços sociais de produção simbólica circunscritos ao mesmo tempo por aqueles que deles participam e por aqueles que estão presumivelmente fora.” No entanto, há divergências entre esses estudos: em Becker, um domínio artístico tende a aparecer como região habitada, ao passo que, em Bourdieu, é um território disputado. Ademais, o aporte do sociólogo norte-americano mostra-se interessante nos estudos de redes de cooperação profissional e das cadeias de produção editorial; já as contribuições bourdieusianas estariam mais adequadas quando a finalidade é analisar o espaço no qual diferentes casas editoriais concorrem por autores, públicos e importância.

No fim do texto, Muniz Júnior apresenta uma contraposição entre o conceito de mundo de Becker e o conceito de campo de Bourdieu, incitando uma indagação na mente do leitor: “não seria possível dizer que a ‘teoria dos mundos’ de Becker é mais adequada para investigar o microuniverso do *editing*, ao passo que a ‘teoria dos campos’ de Bourdieu cai como uma luva ao estudo do macrouniverso do *publishing*?” (2018, p. 89). Após a leitura do capítulo, é possível afirmar que a resposta a essa pergunta fica evidente para o público.

Já no quinto capítulo, “*São editores*”: *um retrato de grupo*, é afirmado que a constituição das atividades editoriais faz com que o público crie imaginários sobre seus modos de composição. Assim, busca-se, por vezes, delimitar os lugares de editor e de autor. Nesse contexto, Muniz Júnior (2018) traz uma análise do livro **A versão do autor**³, (BUSATO *et al.*, 2004), que reúne 20 textos, escritos cada um por pessoas do meio editorial, como poetas, prosistas, um desenhista e um designer, além de autores consagrados e autores da Geração 90. Esses textos abordam como temática esses imaginários sobre o editor e sobre a relação existente entre o editor e o autor.

Prevaecem os textos em prosa, em que é evidenciada a ênfase em memórias pessoais. Há explicitação de experiências, narradas como boas ou ruins; há manifesto sobre o papel social do editor; há poemas; há textos de opinião; há história em quadrinhos; há interrogatório; há *egotrip*; há lista de tarefas. Ao analisar esses textos, Muniz Júnior (2018) identifica diferentes perfis de editor

³ BUSATO, Jonathan *et al.* (Org.). **A versão do autor**. São Paulo: Com-Arte, 2004.

relatados a partir do olhar desses autores, formulados a partir de lugares específicos: alguns têm seu trabalho reconhecido, outros são apenas descritos, outros são bastante criticados.

No fim, Muniz Júnior (2018) nos apresenta uma meticolosa análise do poema *São Editores*, de Fernando Bonassi, fazendo uma associação do “são” em um duplo sentido: o verbo *ser* conjugado ou um designativo dos nomes dos santos. No texto de Bonassi, há a crítica ao profissional do texto, sendo os editores vistos como “atravessadores de escritores” (2018, p. 119), mas, ao fim, há a súplica a esse profissional, visto também como um santo: “São Editores, rogai por nós!” (2018, p. 119). Aqui, o uso da caixa-alta e a vírgula para demarcar o vocativo demonstram a importância desse profissional, mesmo sendo criticado durante todo o poema.

É interessante que, assim como os outros dois livros publicados nessa coleção, o de Muniz Júnior traz, ao fim de cada capítulo, a seção *Vamos pensar em edição*, em que são apresentadas propostas de reflexão para além do texto lido a partir de atividades práticas e pedagógicas. O autor apresenta, também, um amplo referencial teórico, abarcando não apenas obras em língua portuguesa, mas também obras publicadas em espanhol.

O público-alvo do livro de Muniz Júnior são alunos dos cursos de Letras e Comunicação Social, pois, nessas formações, já há vivência em editoras ou em demais contextos que trabalham com edição, preparação e revisão de textos. No entanto, apesar de sua escrita ter esse público, em tempos de discussões editoriais efervescentes no país, a leitura do livro é importante para aqueles que têm interesse na discussão do papel do editor, tanto do ponto de vista laboral, quanto do ponto de vista simbólico. Um ponto de atenção na obra, o que não diminui a qualidade do livro, são aspectos de diagramação. Em algumas páginas, por exemplo, não há um espaço entre letras adequado (como na página 73).

Assim, ao fim da leitura, como bem fica explicitado na contracapa do livro, “nem origem, nem destino. O editor é o próprio caminho”, o leitor se vê dotado de saberes relacionados a esse profissional e ao seu contexto de trabalho. Esse editor é, às vezes, querido; às vezes, pedra, mas é fundamental para que um trabalho chegue o mais adequado possível ao seu público.

REFERÊNCIAS

MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. **Tinha um editor no meio do caminho**: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. 1. ed. Divinópolis (MG): Artigo A, 2018. 132 p.